

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO CIÊNCIAS DA VIDA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

BRUNA CARDOSO MASCARELLO

**A IMPORTÂNCIA DO VOLUNTARIADO EM PROGRAMAS DE CONSERVAÇÃO
A PARTIR DA PERSPECTIVA DE VOLUNTÁRIOS**

CAXIAS DO SUL

2021

BRUNA CARDOSO MASCARELLO

**A IMPORTÂNCIA DO VOLUNTARIADO EM PROGRAMAS DE CONSERVAÇÃO
A PARTIR DA PERSPECTIVA DE VOLUNTÁRIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso como
requisito para a obtenção do título de Bacharel
em Ciências Biológicas da Universidade de
Caxias do Sul.

Orientador: Prof. Guilherme Brambatti Guzzo

CAXIAS DO SUL

2021

BRUNA CARDOSO MASCARELLO

**A IMPORTÂNCIA DO VOLUNTARIADO EM PROGRAMAS DE CONSERVAÇÃO
A PARTIR DA PERSPECTIVA DE VOLUNTÁRIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Biológicas da Universidade de Caxias do Sul.

Orientador: Prof. (Ms. ou Dr.): nome
(MARGEM DE 8 cm – FONTE 12 – JUSTIFICADO – ESPAÇO SIMPLES)

Aprovado(a) em:/...../.....

Prof. Guilherme B. Guzzo - Orientador
Universidade de Caxias do Sul

Prof.(a) Raquel C. Balestrin
Universidade de Caxias do Sul

Prof.(a) Rosane M. Lanzer
Universidade de Caxias do Sul

AGRADECIMENTOS

À minha família, que acompanhou de perto toda minha vontade desde criança por querer ser bióloga. Ao meu orientador Guilherme e demais professores do curso que me passaram tanto conhecimento da melhor forma possível. Finalmente, meus amigos e colegas que, cada um do seu jeito, me ajudaram a terminar esse projeto, o qual me identifico e acredito tanto.

A importância do voluntariado em programas de conservação a partir da perspectiva de voluntários.

The importance of volunteering in conservation programs from a volunteer perspective.

Bruna Cardoso Mascarello, Guilherme Brambatti Guzzo

RESUMO: O envolvimento humano é geralmente relacionado ao estado de conservação de diversas dessas espécies, principalmente aquelas que são consideradas úteis por serem potencialmente lucrativas. Dessa forma, estudos abordando efeitos da exploração antrópica se configuram como importantes para a articulação de medidas de conservação. Além disso, estratégias e programas de conservação construídos a partir de padrões ecologicamente adequados propiciam maior suporte e visibilidade a locais como reservas ecológicas, organizações não governamentais, propriedades privadas voltadas à conservação, entre outros. Uma dessas estratégias é o trabalho voluntário com a vida selvagem. Consequentemente, procurar compreender os interesses e motivações de pessoas que desejam se engajar com o estudo da fauna e flora ameaçada de maneira voluntária pode gerar informações úteis para a criação, manutenção e crescimento desses espaços. Este trabalho consiste em uma pesquisa, conduzida através de entrevistas, com pessoas que se envolveram em trabalhos voluntários. A finalidade do projeto é examinar, através do ponto de vista e experiências desses voluntários, se eles possuem conhecimento da importância de tais programas com a conservação do meio ambiente. Além disso, também é importante analisar o papel e a opinião dos entrevistados sobre o local envolvido, e sobre a importância do voluntariado para eles próprios. Isso se torna um fator relevante não somente para conhecer os motivos de interesse pelo voluntariado, mas também para estabelecer possíveis novas formas de ampliar e melhorar essas ações que contribuem tanto para economia local e para a conservação de espécies. Foram 54 entrevistados no total sendo 13 estrangeiros. Cada um expressou seus pensamentos sobre a experiência com voluntariado e quanto eles aprenderam. Com isso, foi possível construir um conhecimento suficiente para espalhar essa ideia que ajuda tanto, de um modo sustentável, na conservação dos animais.

PALAVRAS CHAVE: Voluntariado; Ecoturismo; Vida Selvagem; Programas de Conservação.

ABSTRACT: Humans are usually more interested in the conservation of species which are seen as resourceful due to their potential profit. Thus, studies addressing the consequences of human interference in nature are essential for the articulation of environmental measures. Strategies based on ecological standards require greater donations and popularity to nature driven groups, such as ecological reserves, non-governmental organizations, private properties geared to conservation, etc. For example, a common program presented in society is volunteering with wildlife. By understanding the interests and motivations of the target audience, such as the study of threatened fauna and flora, these companies can use their collected data for maintaining and further developing their understanding. This work consists of a survey with previous volunteers from multiple wildlife programs. The purpose is, firstly, to determine if the volunteers are aware of the importance of those programs dedicated to the environment. Next, the interviewed individuals give their opinion on other matters such as ideal schedules and infrastructure, and input on how impactful volunteer work can be. The discussed matters are essential in developing additional interest in volunteering, and establishing new ways to expand and improve upon volunteer programs. These programs contribute to the local economy and nature conservation. It was 54 interviewers on total and 13 from outside Brazil. Each one expressed their thoughts about volunteering experience and how much they have learned about it. With all that, it was possible to build enough knowledge to spread this idea which helps, in a sustainable way, the conservation of so many animals.

KEYWORDS: Volunteering; Ecotourism; Wild life; Conservation Programs.

Introdução

A ascensão do trabalho voluntário aconteceu de maneira gradual e tangente à medida que pesquisas mostraram a importância, e assim, a preocupação que a humanidade deve dar ao meio ambiente.

Os estudos estão começando a explorar o potencial impacto que o envolvimento no voluntariado ambiental pode ter sobre os comportamentos pró-ambientais das pessoas e sugere a necessidade de examinar esses impactos ao longo do tempo, bem como qualquer mediação, mecanismos e as relações que possam existir entre eles (SEYMOUR, KING; ANTONACI, 2018).

O voluntariado beneficia tanto a sociedade em geral como cada espécie do local através do reforço da solidariedade, do conhecimento e da reciprocidade entre os cidadãos, criando oportunidades de participação muito abrangentes. Assim, o presente artigo busca entender os particulares conjuntos de valores que compõem a iniciativa de pessoas a se engajarem em organizações que desenvolvem programas de conservação e que oferecem trabalho voluntário. Dentre esses valores encontra-se o altruísmo, o interesse individual em

contribuir, a sociabilidade e até sentimento de culpa, obrigação ou de responsabilidade (CAVALCANTE, 2008).

Além disso, é conhecida a importância de enaltecer empresas ou instituições que têm um bom reconhecimento por causa de sua conduta com o meio ambiente. Melhor estabelecendo, países como o Brasil, que possui ainda uma escassa abrangência em instituições que oferecem voluntariado em programas de conservação da vida selvagem, devem se inspirar em outras que têm grande experiência nessa área.

Diante deste ambiente de pesquisa, este estudo visa compreender percepções de voluntários em programas de conservação a respeito das motivações em se voluntariar, da importância do voluntariado para a conservação da biodiversidade, e de como esse conhecimento dos voluntários pode ser explorado beneficentemente em localidades com potencial para a aplicação do voluntariado.

Referencial Teórico

Importância da conservação

A influência humana é sem dúvida o fator que mais interfere e afeta todos os tipos de vida no mundo, principalmente hoje em dia (LANDE, 1998; SANDERSON, *et al.*, 2002).

Esta influência tem se tornado tão intensa a ponto de ser difícil encontrar adultos que não tenham visto algum ambiente ao seu redor sendo reduzido de florestas para terras agrícolas, de terras agrícolas para subúrbios em desenvolvimento e por fim, subúrbios se convertendo em áreas urbanas (SANDERSON *et al.*, 2002, p. 1).

O crescimento de áreas protegidas está associado a uma série de eventos que sinalizaram uma expansão de objetivos conservacionistas, começando com o estabelecimento da primeira área protegida regularizada formalmente há quase 170 anos (WATSON *et al.*, 2014).

O interesse de proteção dessas áreas tem aumentado e, por mais que isso possa ser um fato positivo, deve-se lembrar que isso ocorre paralelamente ao crescimento do consumo humano (SANDERSON, *et al.*, 2002). Melhor explicando, é esse consumo o maior responsável pela degradação de habitats. Além disso, mesmo declarando proteção de locais, alguns chegam a não possuir mais funcionalidade, o que sinaliza um processo irreversível, ou seja, indica que a proteção ocorreu em um momento tardio, e mesmo que haja algumas espécies restantes, elas não serão mais capazes de se auto sustentar.

Mesmo que existam, a integridade das áreas protegidas está sempre em constante ameaça de atividades ilegais, pois as mesmas muitas vezes não possuem funcionários permanentes/suficientes e poucas medidas são tomadas para reforçar seus limites (PEDLOWSKI, 2004). Isso requer uma mudança completa no sistema econômico e social humano. Atingindo isso, a redefinição da relação do homem com a natureza será alcançada e diversos problemas serão evitados (NAYAK, 1999).

Integração do ser humano na conservação

Considerando a enorme influência que os seres humanos têm sobre a biosfera, e isso inclui ambientes aquáticos, não há outra opção que não seja investir em ações de conservação que estejam mais diretamente relacionadas com atividades antropológicas. (KOH; GARDNER; EHRLICH, 1971).

Protected Areas (PAs) ou Unidades de Conservação (UCs) foram estabelecidas com a finalidade de proteger a biodiversidade. Contudo, muitas não conseguem se sustentar e não cumprem apropriadamente os propósitos pelos quais foram criadas. Uma proposta para a funcionalidade eficiente delas é a correlação com o turismo. (DHARMARATNE *et al.*, 2000). Outra forma estudada foi a de incluir as comunidades mais próximas a essas unidades, um projeto chamado *Integrated conservation and development projects* (ICDP) (Figura 1). Esse projeto foi desenvolvido para, além de proteger áreas, integrar a comunidade adjacente de modo a diminuir a taxa de desemprego local. Conseqüentemente, desviar outras práticas que possivelmente seriam feitas por essa população, como a pastagem e a monocultura exacerbada.

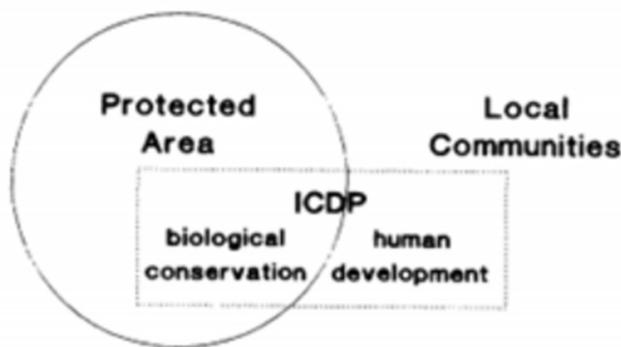


Figura 1: esquema de uma ICDP.

Figure 1: diagram of an ICDP.

Fonte: ALPERT, 1996.

Source: ALPERT, 1996.

Algumas dessas iniciativas realmente deram certo, mas os resultados mostraram que a principal expectativa a ser atingida não foi muito bem sucedida em países em desenvolvimento. Isso porque ocorreu um manuseio pouco sustentável das áreas. A caça (*trophy hunt*), por exemplo, não deixa de ser uma forma de manter alguns desses locais mais preservados, porém aparentemente apresentou menos danos às áreas, mas ainda sim, é algo que os princípios desse trabalho procuram evitar. Esse tipo de caça é feita puramente por motivos lucrativos e estéticos, podendo esse lucro sustentar grandes fazendas para criação de animais até ser uma boa parte do percentual do PIB de alguns países. Ao contrário da caça por subsistência, que é feita por motivos de sobrevivência (NAUGHTON-TREVES *et al.*, 2005). Contudo, em diversos casos, quando o turismo foi incentivado como proposta para a população, esta viu-se pressionada a manter as áreas preservadas. Namíbia e Moçambique, por exemplo, aumentaram consideravelmente a taxa de desemprego de populações que residem perto de parques nacionais por conta da implementação de tais projetos (SILVA; KHATIWADA, 2014).

O ecoturismo

A conservação da biodiversidade depende, portanto, da sustentabilidade das UCs, que inclui a obtenção de segurança financeira. O ecoturismo emergiu como um dos principais meios de autofinanciamento de Áreas de Proteção, particularmente em Áreas Protegidas Privadas que

frequentemente usam esta modalidade de turismo com foco na vida selvagem como principal meio de gerar negócios (MACIEJEWSKI; KERLEY 2014). Usando Ruanda como exemplo, o governo precisou incentivar o turismo apoiando financeiramente o setor privado. Em 2018, com um giro de mais de 200 milhões de dólares por ano, os gorilas viraram a causa do maior PIB de Ruanda (TED TALK, 2018). Como resultado, existe agora um forte diálogo público-privado, com vários grupos trabalhistas compostos por empresas públicas e privadas (CHUHAN-POLE; ANGWAFO, 2011). Assim, iniciativas de conservação baseadas na comunidade tornam-se neoliberalizadas pelo ecoturismo (BLUWSTEIN, 2017).

Papua Nova Guiné é conhecida por sua diversidade em espécies de aves, principalmente pelas aves-do-paraíso (*Paradisaeidae*). Com construções de *Lodges* (alojamentos conectados à natureza) inspirados nos Africanos, a organização ambiental promoveu o ecoturismo de observação de aves para criar incentivos financeiros para que os moradores parem de caçar algumas espécies de aves. De fato, os resultados foram positivos (NEWSOME, 2012).

Em suma, viu-se que quando o desenvolvimento dá-se na base do ecoturismo, a população humana local é automaticamente instigada a usar o ambiente natural de maneira preservada para atrair e satisfazer os turistas (SILVA; KHATIWADA, 2014).

Porém, há diversos relatos de tentativas que não obtiveram êxito na conservação e, muitas vezes, nem no lucro financeiro a partir do ecoturismo. Mesmo estas executando à risca todos os procedimentos de locais que tiveram sucesso (STRONZA; PEGAS, 2008). Mesmo assim, estudos mostraram que uma alternativa para contornar situações como essa seria a devolução do controle de operadores turísticos privados e do governo para residentes locais. Isso mostrou-se positivo em Honduras e no Equador com seus povos indígenas e na proteção de seus territórios, por exemplo (STONICH, 1998; HERLIHY *et al* 1990).

Para a situação do Brasil, o ecoturismo começou sua ascensão principalmente após a Rio 92. Até os dias atuais, vêm demonstrando crescimento, porém, em alguns casos, a má administração ocasiona degradação do ambiente pela falta de controle com o número exacerbado de visitantes. Esse é só um dos empecilhos presenciados que acabam, infelizmente, sendo o reflexo do mau gerenciamento e da falta de interesse político com o envolvimento ecológico (CAVALCANTE, 2008).

O que então, poderia ser realmente eficaz para manter as áreas de conservação de maneira funcional sem riscos de grande perda monetária e, principalmente, perda de habitats das espécies residentes? Existe alguma maneira de chamar maior atenção dos turistas?

O papel do voluntariado na conservação da vida selvagem

O trabalho voluntário começou a virar tendência a partir de 1980. Adicionalmente, números divulgados pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) levantam num pequeno período de sete anos (1995 a 2002) o número de entidades que fazem trabalho voluntário aumentou 71% passando de 190 mil para 326 mil (ONU, 2009).

As principais causas para esses dados foram: o melhor acesso à informação, a agilidade de meios de transportes, a insatisfação da população com reduções significativas de apoio orçamentário em manter áreas protegidas e parques ecológicos em países desenvolvidos, entre outros. (HALPENNY; CAISSIE, 2003; AIDT, 2005; EAGLES, 1995).

Hoje os países considerados mais sustentáveis são justamente aqueles com melhores indicadores de qualidade de vida (ANDREASSA, 2008). Todavia, esses países geralmente não possuem tanta diversidade de espécies (também por seu histórico de degradação) quanto os países tropicais possuem. Consequentemente, essas pessoas são o público alvo das principais localidades particulares bem conceituadas e estruturadas que disponibilizam voluntariados em meio a vida selvagem. Mesmo que situados em países em desenvolvimento, os programas acabam tendo o preço cobrado de acordo com as moedas mais valorizadas do mundo (dólar/euro) (BJWT website, 2020; Volunteer Southern Africa website, 2020).

Para que exista sucesso lucrativo na criação e manutenção dos estabelecimentos com voluntariado, são necessários diversos elementos. Primeiramente, é imprescindível que os voluntários se sintam confortáveis e principalmente, entretidos e instigados com a causa envolvida (HALPENNY; CAISSIE, 2003). Para tanto, são necessários bons tutores e funcionários para atender essas necessidades.

Em muitos casos, localidades que demandam muito trabalho fora da expectativa dos voluntários, ou seja, atividades que não têm o envolvimento tão direto com as espécies, podem fazer com que o público se desinteresse do projeto. Isso também pode se enquadrar nas explicações de Halpenny e Caissie (2003) ao descobrirem que todos os voluntários entrevistados demonstraram sentimentos individualistas. Melhor explicando, um trabalho de

um altruísta também pode apresentar outras preocupações além do meio ambiente, ou seja, de total empatia biocêntrica. Ou seja, apesar das respostas envolverem majoritariamente a satisfação própria, todos os voluntários apresentaram alguma reação que demonstrou preocupações com a natureza.

A divulgação dos programas com os animais também é um passo importante, porém, claramente não é vista como tal. É raro vermos comerciais, *outdoors* e até mesmo pessoas divulgando sobre o assunto. Muitas vezes, para o caso abordado no presente trabalho, o elemento principal para o desfecho publicitário está inteira e diretamente relacionado com as espécies residentes da instituição. Mais especificamente, com os animais de maior apelo popular.

Para tanto, uma grande estratégia é entender a preferência dos turistas, como foi feito por Maciejewski e Kerley (2014) ao concluírem que grandes mamíferos, principalmente os famosos “*big five*” (búfalos, leopardos, leões, elefantes e rinocerontes) são os elementos fundamentais para a escolha de certas instituições/fazendas.

Voluntariado no Brasil

DE SOUZA e SCHULZE (2011, p. 1) afirmam que o Brasil possui centenas de Unidades de Conservação, estas contribuem para a existência de áreas naturais protegidas legalmente, não tendo, entretanto, uma efetividade neste ponto pela ausência de recursos humanos para a sua gestão.

Somente 4% dos brasileiros são voluntários em instituições das mais diversas funcionalidades, enquanto nos EUA são 62% (IBGE, 2018). Isso requer uma mudança de costume, ou até mesmo na cultura do povo brasileiro para que esses dados aumentem positivamente. Contudo, com a facilidade de contatar e ter como exemplo outras instituições do mundo todo, o Brasil tem se inspirado muito em técnicas usadas em países pioneiros no ecoturismo e trabalhos voluntários. O maior de todos os exemplos é a técnica da “habituação dos animais”.

A habituação é uma técnica importada da África do Sul, utilizada há décadas no ecoturismo da região. Trata-se de uma interação neutra entre ser humano e animal, na qual a aproximação não gera nem malefícios, nem benefícios. Habituar animais não significa domesticá-los, e sim mantê-los totalmente selvagens e livres, mas sem

que se sintam ameaçados pela presença de veículos. Esse processo de habituação foi desenvolvido em parceria com o Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Carnívoros (CENAP), do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), órgão vinculado ao Ministério do Meio Ambiente (MMA). (ONÇAFARI website, 2020).

Por mais privilegiado que seja, no entanto, o Brasil raramente atrai atenção pelo que possui. Em vez disso, é criticado pelo que está perdendo com o desmatamento; conversão de paisagens naturais em plantações, campos de pastagens e de soja, expansão industrial e urbana, etc. (MITTERMEIER, 2005). Pelo Brasil possuir uma extensão territorial a nível continental e assim, grande diferença climática entre seus pontos, isso leva a grandes variações ecológicas, formando zonas biogeográficas distintas ou biomas: a Floresta Amazônica, maior floresta tropical úmida do mundo; o Pantanal, maior planície inundável; o Cerrado de savanas e bosques; a Caatinga de florestas semiáridas; os campos dos Pampas; e a floresta tropical pluvial da Mata Atlântica. Além disso, o Brasil possui uma costa marinha de 3,5 milhões km², que inclui ecossistemas como recifes de corais, dunas, manguezais, lagoas, estuários e pântanos.

Logo, o Brasil que tem a maior biodiversidade do mundo, também pode pesquisar e investir no que chamaria maior atenção para a ampliação de trabalhos voluntários, ou seja, com nossa rica fauna. Assim, chegar a dados conclusivos para finalmente criar estruturas e colocar em prática essa ação tão nobre com a preservação, educação ambiental e valorização dos nossos animais.

Material e Métodos

Foram conduzidas entrevistas individuais online, estruturadas, com algumas questões abertas e outras com alternativas, com pessoas que participaram de programas de voluntariado relacionados à conservação de animais selvagens em diferentes locais do mundo. O critério para a escolha dos entrevistados foi o fato de terem participado, por pelo menos uma semana, de um voluntariado nesses programas.

O método usado foi o de “bola de neve”. Esse método consiste de uma maneira em que uma rede de divulgação é criada entre os próprios voluntários. Apesar disso, o principal meio

de alcançar um número considerável de voluntários foi pela participação de um dos autores em projetos que adotam a causa.

As perguntas que compõem o questionário dizem respeito à motivação dos indivíduos em realizar o trabalho voluntário, a percepção da importância de sua própria atuação como voluntário e a percepção da relevância de programas de conservação que acolhem voluntários. Além disso, descobrir o nível de informação que o mesmo tinha sobre o local que atuou e sua conclusão se o mesmo, de fato, contribuiu positivamente para a preservação das espécies.

Os participantes pesquisados foram mantidos no anonimato, apenas a sua idade, gênero e país de nascimento serão apresentados no trabalho, considerando que a pesquisa tem interesse em obter percepções de pessoas das mais diferentes localidades possíveis.

As perguntas foram feitas através de um questionário on-line durante o primeiro semestre de 2021. As categorias de perguntas escolhidas foram divididas nas seguintes seções:

- (a) Primeira seção: dados do participante;
- (b) Segunda seção: introdução referente às motivações dos mesmos com relação ao tema;
- (c) Terceira seção: expectativas e contribuições;
- (d) Quarta seção: fatores que levaram o voluntário a escolher tal instituição e considerações finais sobre a mesma. Essa seção está baseada em Maciejewski e Kerley (2014), que apresentaram aos entrevistados uma tabela com listas de possíveis animais mais conhecidos e, teoricamente, que têm uma atenção maior da população mundial, apresentada no questionário. Os participantes escolheram as que mais despertaram interesse antes e depois de suas experiências como voluntários.
- (e) Quinta seção: aspectos negativos e positivos e interesse em divulgação e continuidade em participar;
- (f) Sexta seção: avaliação do conhecimento da importância do projeto em que se envolveram aspectos positivos/negativos
- (g) Sétima seção: concepção do cenário mundial e nacional do voluntariado com vida selvagem.

Resultados e Discussão

Ao todo foram realizadas 54 entrevistas sendo 13 estrangeiros de 11 diferentes nacionalidades e 41 brasileiros.

A idade da maioria dos entrevistados ficou concentrada de 18 a 30 anos.

Um dado que chamou atenção foi que cerca de 80% dos voluntários respondentes são mulheres, o que implica a reflexão de que envolver as mulheres no voluntariado é uma proposta relativamente mais fácil: As mulheres são atraídas pelos aspectos comunitários do voluntariado. O voluntariado é uma chance de conhecer mulheres com interesses semelhantes. É um evento social onde elas podem ficar à vontade. Para atrair homens, descobriu-se que é mais eficaz enquadrar o voluntariado como desenvolvimento profissional. Falar sobre os benefícios práticos de desenvolver habilidades e criar uma rede pode atrair mais os homens (KOPF, 2015). Estudos complementares demonstram que mulheres são mais generosas e altruístas que os homens. Explicando isso indo de acordo com a neurociência, ações altruístas estimulam nelas o sistema de recompensa cerebral de maneira mais robusta. Já os homens apresentam esses resultados para ações egoístas (SOUTSCHEK, 2017).

No caso da renda familiar, ficou claro que, mesmo que grande parte dos trabalhos não sejam de grande cunho lucrativo, os voluntários pertencem a classes consideravelmente altas.

O voluntariado é um privilégio e também uma responsabilidade. As pessoas que se encontram na pobreza ou lutando para encontrar um emprego dificilmente conseguirão despender tempo e esforço como voluntárias. Pessoas de uma família com altíssima renda têm mais de duas vezes a chance de se voluntariar do que aquelas de famílias com baixa renda, e aqueles que trabalham em tempo integral têm quase 20% mais probabilidade de se voluntariar do que aqueles que estão desempregados (TANIGUCHI, 2006).

Conforme a interpretação dos dados de “Escolaridade” e de “Quantos anos iniciou-se o primeiro voluntariado?” é possível concluir que o período de término de graduação a nível superior está fortemente ligado ao fator que, os graduandos/graduados procuram no voluntariado uma chance de experimentar uma possível experiência de trabalho.

Também é possível correlacionar esses dados com a realidade dos estudantes brasileiros, no qual um número expressivo respondeu que decidiu voluntariar com objetivo de foco de carreira, dado que não foi relevante para os entrevistados estrangeiros. Isso reflete no atual cenário de falta de oportunidades em conseguir algum trabalho remunerado com vida

selvagem no Brasil. Reforçando esse fato, nenhum estrangeiro cursou ou atua em áreas que se relacionam a animais, e sim, procuram os voluntariados mais pelos animais e por lazer.

Além do foco de carreira, os brasileiros demonstraram principalmente escolher os voluntariados com vida selvagem pelos animais, porém, não por uma espécie em específico. Os demais demonstraram interesses em mamíferos e espécies aquáticas no geral. Isso pode ser um facilitador para quem deseja abrir um programa com voluntariado, afinal, o Brasil carrega grande capacidade das quais se encaixam nos quesitos exigidos pelos entrevistados por sua rica biodiversidade.

Sobre os fatores e expectativas que levaram as pessoas a escolherem voluntariar; ficou nítido que há sempre uma grande expectativa com relação aos animais e adquirir experiência acadêmica. De fato, os resultados corroboram que houve ganho dessa experiência acadêmica bem como o ganho de bagagem cultural. O que pareceu ser além das expectativas, foi que os voluntários não esperavam ganhar tanto crescimento pessoal com os programas (Figura 2). O que acabou deixando de lado a prioridade do contato com os animais. Esses resultados podem indicar que as instituições estão colaborando com o ensinamento de que muitas vezes os humanos têm que deixar o egocentrismo de lado e pôr em prática a empatia. Cada espécie precisa de seu devido espaço, e todo trabalho feito é pelo bem estar das mesmas. Não obstante, também é imprescindível relevar os desejos dos voluntários mesmo que o dos animais venham sempre em primeiro lugar, afinal, sem a ajuda física, monetária e de divulgação, as espécies nesses estabelecimentos não conseguirão se manter.

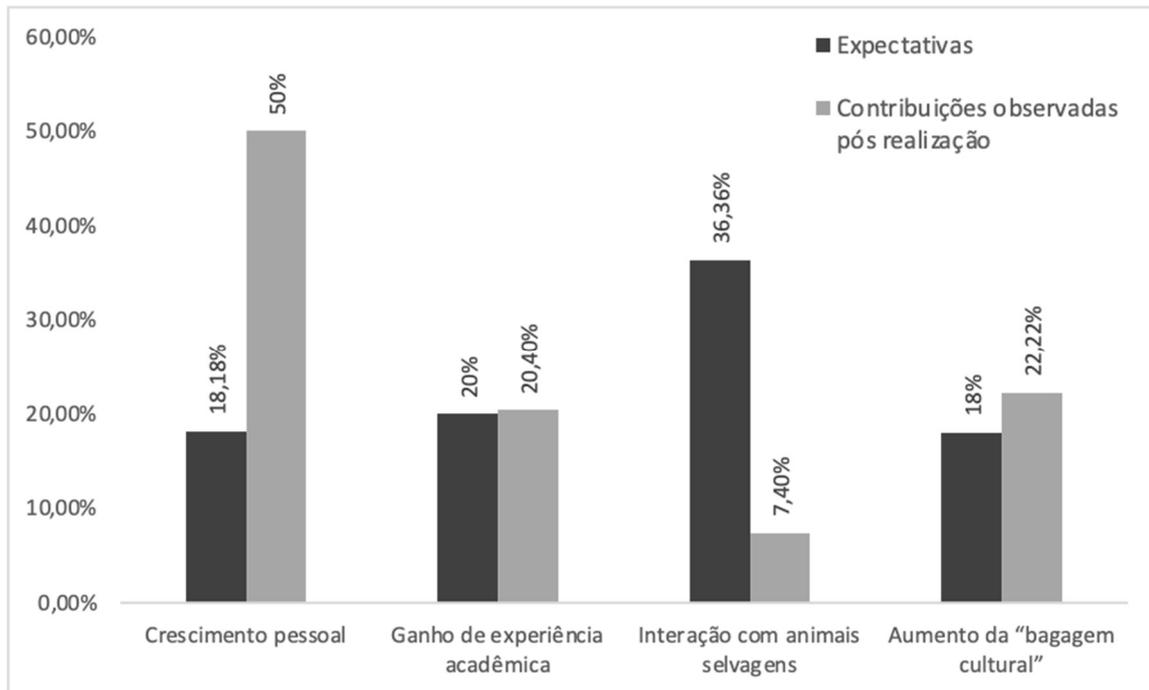


Figura 2: Frequência relativa dos voluntários em relação às suas expectativas antes de participar dos projetos e suas opiniões após a participação.

Figure 2: Relative requirement of volunteer's programs participation in relation to their expectations before the projects and their opinion after the program.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Source: Prepared by the authors.

Duas perguntas distintas relacionando os aspectos positivos e negativos de ter voluntariado foram feitas. Nas respostas foi possível inferir que os possíveis administradores dos locais, por receberem a maior porcentagem da crítica negativa (Figura 3), devem ponderar mais o modo em que organizam as tarefas e os horários, entre outros fatores, de modo a agradar mais os voluntários. Isso provavelmente ocorre pois a associação entre conhecimento animal e conhecimento administrativo muitas vezes é erroneamente vista como desnecessária. O que deveria ocorrer é que todo biólogo ou qualquer dono de instituições que ofereçam voluntariado devem ter uma boa base de administração e de prática interpessoal. Isso tudo com o intuito de atender àqueles que são fonte fundamental para a sustentação de tais instituições. Dessa

maneira, corrigindo estes empecilhos, a segunda insatisfação mais votada (falta de infraestrutura, materiais, recursos em geral) também poderia ser reparada, por exemplo.

Sobre os aspectos positivos: os seres humanos são de fato animais sociáveis e isso pareceu muito evidente quando os entrevistados responderam que a melhor parte foi a convivência com outras pessoas (Figura 3). Mesmo que tenham tido objetivos como a interação com os animais e uma valorização acadêmica, o próprio contato com outras pessoas pareceu surpreender positivamente após a realização dos programas.

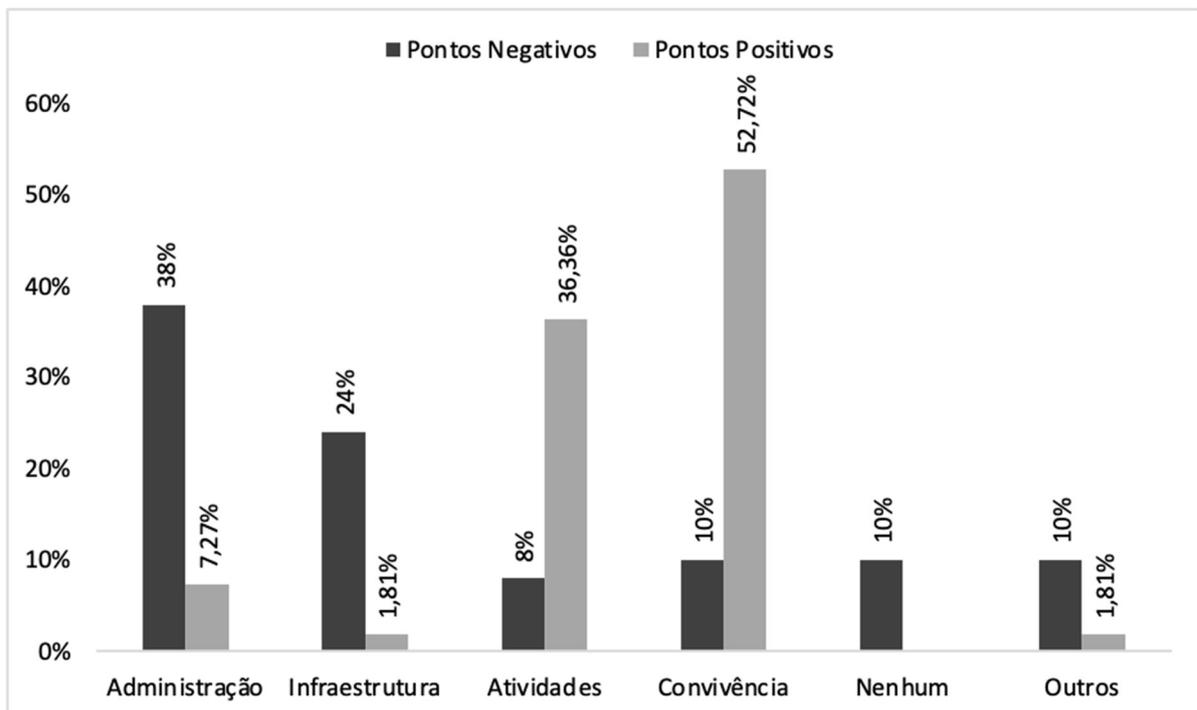


Figura 3: Frequência relativa dos pontos positivos e negativos segundo os voluntários.

Figure 3: Relative requirement of negative and positive aspects according to the volunteers.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Source: Prepared by the authors.

Outro dado de cunho imprescindível foi verificar se os objetivos e conhecimentos que as instituições têm com o meio ambiente, foram eficientemente absorvidas e repassadas pelos voluntários. Os dados, felizmente, mostram que tanto os conhecimentos

foram absorvidos e compreendidos quanto a atividade de voluntariar foi extremamente satisfatória, fazendo com que os ex-voluntários divulguem essa prática bem como voltem a realizá-la.

Por fim, a última pergunta fez com que os entrevistados respondessem por escrito qual era sua visão do cenário de voluntariado no mundo e no Brasil. O país tem uma resistência cultural enorme com o serviço voluntário e muitas pessoas pontuaram nas respostas o porquê de isso acontecer, eles explicam que: muita gente acha que vai ser troca de trabalho por hospedagem quando na realidade requer mais que isso, o que faz com que as pessoas desistam da ideia.

Alguns dos fatores que explicam a dificuldade do brasileiro em compreender que nem sempre o voluntariado vai ser gratuito é que não há outros recursos externos que apoiam as instituições. Isso apareceu em quase todas as respostas do questionário nacional.

“O Brasil é com certeza um dos países que mais precisa desse tipo atividade, visto que investimentos em conservação são limitados.” Citou um dos entrevistados.

Por fim, comparando as respostas do questionário em português com o inglês, os brasileiros supervalorizaram o cenário de voluntário no exterior, já os estrangeiros não souberam opinar sobre o voluntariado no Brasil por não terem informações, apenas imaginam ser um ótimo lugar pela sua biodiversidade.

Considerações Finais

Considerando a imensidão da biodiversidade que o Brasil possui, o voluntariado com vida selvagem, se bem orientado e aplicado, poderia movimentar direta e indiretamente uma quantidade monetária suficiente para contribuir com a melhora da economia tanto a nível local quanto nacional. Do mesmo modo que os turistas e estudantes atraídos para essa modalidade acabam possuindo alta probabilidade de serem ou se tornarem pessoas ambientalmente mais conscientes.

O trabalho também confirma que o ecoturismo com vida selvagem pode ser uma alternativa de subsistência para comunidades que escolham a conservação dos ecossistemas ao invés de outros mais extrativos de recursos naturais. Um exemplo é o que está acontecendo na

floresta amazônica, um dos biomas mais biodiversos do mundo e que está sendo extremamente devastado, principalmente para a implementação de gado (ABRAMOVAY, 2020). Seria quase uma utopia querer que os donos dessas terras devastadas troquem essa prática por qualquer outra mais sustentável, incluindo o ecoturismo, é claro. A precária educação ambiental, a falta de incentivo e de apoio do governo em não divulgar qualquer tipo de ecoturismo com voluntariado e, principalmente, a prática da monocultura exacerbada e pecuária descontrolada. Esses são apenas alguns dos gigantes problemas que, infelizmente, mesmo se houvesse total melhora no interesse em voluntariar no Brasil, faltariam muitos recursos para que, na prática, o voluntariado seja de fato implementado e disseminado.

Outra pergunta a ser feita é: como resolver o empecilho da falta de inclusão de pessoas com uma renda menor nessas atividades? Principalmente quando um dos cenários mais possíveis de implementar uma instituição com trabalho voluntário venha de uma iniciativa privada, até de uma única pessoa física, que provavelmente terá dificuldades de conseguir patrocinadores (principalmente governamentais). Isso acarretará no pouco poder de escolha das instituições sobre o lucro, o qual terá que, obrigatoriamente, advir quase que 100% dos próprios voluntários. Voltando assim para o início de outro problema que é a falta de interesse das pessoas em saber o porquê as vezes é necessário entender que a frase “pagar para trabalhar” deve ser substituída por “pagar para sustentar” e muitas vezes até “pagar para existir”.

Em suma, uma possível solução para o Brasil, seria entender melhor os interesses não somente dos ex-voluntários mas dos possíveis futuros participantes dos programas. Adicionalmente, achar uma maneira de propiciar maior visibilidade a estas atividades, visto que a satisfação dos que participam é extremamente alta, um crescimento exponencial pode vir a acontecer mesmo que de forma gradativa. Por fim, tomar como exemplo países com situações econômica e socialmente similares que servem de modelo para a prática, como África do Sul (KEESE, 2011; ROQUES, 2018).

Referências

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Amazônia: por uma economia do conhecimento da natureza**. Editora Elefante, 2020.
- AIDT, Toke Skovsgaard. The rise of environmentalism, pollution taxes and intra-industry trade. **Economics of Governance**, v. 6, n. 1, p. 1-12, 2005.
- ALPERT, Peter. Integrated conservation and development projects. **BioScience**, v. 46, n. 11, p. 845-855, 1996.
- AMBIENTAL, INDENIZAÇÃO. **Danos Ambientais Irreversíveis E O Valor Da Indenização Ambiental: O Método Dos Custos Ambientais Esperados E Suas Variações**. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências Agrônomicas (FCA), Universidade Estadual Paulista.
- ANDRESSA, Wagner Luís. **O consumismo como um fator de relevância na degradação ambiental global-situação atual e análise das possíveis ações de mitigação**. 2008. Dissertação (Mestrado) - USP, 2008.
- BLUWSTEIN, Jevgeniy. Creating ecotourism territories: Environmentalities in Tanzania's community-based conservation. **Geoforum**, v. 83, p. 101-113, 2017.
- BUBB, Nick. Modern day wildlife conservation. **Youtube**, 25 de set. de 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=BTzm6RKmaXs>>. Acesso em 25 de Abr. de 2020.
- CAVALCANTE, Márcio Balbino. Parque Estadual da Pedra da Boca/PB: Um olhar sobre o planejamento do ecoturismo em unidades de Conservação na Paraíba. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 8, n. 2, p. 69-80, 2008.
- CHUHAN-POLE, Pum; ANGWAFO, Manka (Ed.). Yes, Africa Can: Success Stories from a Dynamic Continent. **The World Bank**, 2011.
- DE SOUZA, Claudio Alexandre; SCHULZE, Adelli Luna. Voluntariado no Parque Nacional do Iguaçu sob a perspectiva dos visitantes. **Nature and Conservation**, v. 4, n. 1, p. 33-47, 2011.
- DHARMARATNE, Gerard S.; SANG, Francine Y.; WALLING, Leslie J. Tourism potentials for financing protected areas. **Annals of Tourism Research**, v. 27, n. 3, p. 590-610, 2000.
- EAGLES, Paul FJ. Tourism and Canadian Parks: fiscal relationships. **Managing Leisure**, v. 1, n. 1, p. 16-27, 1995.
- Ecoturismo**. Onçafari, 2020. Disponível em: <https://oncafari.org/nosso-trabalho/ecoturismo/?gclid=EAIaIQobChMIzbCw6OOT6QIVUQWRCh3bhwtsEAAYASAAEglaf_D_BwE>. Acesso em: 1, mai. 2020.
- EHRlich, Paul R.; HOLDREN, John P. Impact of population growth. **Science**, v. 171, n. 3977, p. 1212-1217, 1971.

HALPENNY, Elizabeth A.; CAISSIE, Linda T. Volunteering on nature conservation projects: volunteer experience, attitudes and values. **Tourism Recreation Research**, v. 28, n. 3, p. 25-33, 2003.

HALPENNY, Elizabeth A.; CAISSIE, Linda T. Volunteering on nature conservation projects: volunteer experience, attitudes and values. **Tourism Recreation Research**, v. 28, n. 3, p. 25-33, 2003.

HERLIHY, Peter H.; LEAKE, Andrew P. The Tawahka Sumu: a delicate balance in Mosquitia. **Cultural Survival Quarterly**, v. 14, n. 4, p. 13-16, 1990.

IBGE, **Cerca de 6,5 milhões de pessoas fazem trabalho voluntário no país**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20618-cerca-de-6-5-milhoes-de-pessoas-fazem-trabalho-voluntario-no-pais>>. Acesso em: 25, Abr. de 2020.

KEESE, James R. The geography of volunteer tourism: Place matters. **Tourism Geographies**, v. 13, n. 2, p. 257-279, 2011.

KOPF, Dan. **Why Don't Men Volunteer as Much as Women?** <<https://priceconomics.com/the-altruism-gender-gap/>> acesso em 14/06/2021

LANDE, Russell. Anthropogenic, ecological and genetic factors in extinction and conservation. **Population Ecology**, v. 40, n. 3, p. 259-269, 1998.

MACIEJEWSKI, Kristine; KERLEY, Graham IH. Understanding tourists' preference for mammal species in private protected areas: is there a case for extralimital species for ecotourism?. **PLoS One**, v. 9, n. 2, 2014.

MARKWELL, Kevin (Ed.). **Animals and tourism: Understanding diverse relationships**. Channel View Publications, 2015.

MITTERMEIER, Russell A. et al. A brief history of biodiversity conservation in Brazil. **Conservation Biology**, v. 19, n. 3, p. 601-607, 2005.

NAUGHTON-TREVES, Lisa; HOLLAND, Margaret B.; BRANDON, Katrina. The role of protected areas in conserving biodiversity and sustaining local livelihoods. **Annu. Rev. Environ. Resour.**, v. 30, p. 219-252, 2005.

NAYAK, Rajendra K. **International environmental law: consumer environmentalism versus environmental consumerism**. Edith Cowan University Research Online, 1999.

PEDLOWSKI, Marcos A. E. A. T. et al. Conservation units: a new deforestation frontier in the Amazonian state of Rondônia, Brazil. **Environmental Conservation**, v. 32, n. 2, p. 149-155, 2005.

ROQUES, Kim G. et al. Assessing contributions of volunteer tourism to ecosystem research and conservation in southern Africa. **Ecosystem Services**, v. 30, n. PC, p. 382-390, 2018.

SANDERSON, Eric W. et al. The human footprint and the last of the wild: the human footprint is a global map of human influence on the land surface, which suggests that human beings are stewards of nature, whether we like it or not. **BioScience**, v. 52, n. 10, p. 891-904, 2002.

SEYMOUR, Valentine; KING, Mike; ANTONACI, Roberta. Understanding the impact of volunteering on pro-environmental behavioural change. **Voluntary Sector Review**, v. 9, n. 1, p. 73-88, 2018.

SILVA, Julie A.; KHATIWADA, Lila K. Transforming conservation into cash? Nature tourism in Southern Africa. **Africa Today**, v. 61, n. 1, p. 17-45, 2014.

SODHI, Navjot S.; EHRLICH, Paul R. (Ed.). **Conservation biology for all**. Oxford University Press, 2010.

SOUTSCHEK, Alexander et al. The dopaminergic reward system underpins gender differences in social preferences. **Nature Human Behaviour**, v. 1, n. 11, p. 819-827, 2017.

STONICH, Susan C. Political ecology of tourism. **Annals of tourism research**, v. 25, n. 1, p. 25-54, 1998.

STRONZA, Amanda; PÊGAS, Fernanda. Ecotourism and conservation: Two cases from Brazil and Peru. **Human Dimensions of Wildlife**, v. 13, n. 4, p. 263-279, 2008.

TANIGUCHI, Hiromi. Men's and women's volunteering: Gender differences in the effects of employment and family characteristics. **Nonprofit and voluntary sector quarterly**, v. 35, n. 1, p. 83-101, 2006.

Volunteer At The Foundation. Black Jaguar White Tiger, 2020. Disponível em: <<https://www.blackjaguarwhitetiger.org/volunteer/>>. Acesso em: 29, Abr. de 2020.

Volunteer Southern Africa, 2020. Disponível em: <<https://www.volunteersa.com/>>. Acesso em: 29, Abr. de 2020.

WATSON, James EM et al. The performance and potential of protected areas. **Nature**, v. 515, n. 7525, p. 67-73, 2014.